

## ***O FUTURO CAMINHA PARA O PASSADO\****

Edgar Morin\*\*

**P**ara tentar compreender o que aconteceu, é preciso não anestesiar a surpresa, não ocultar a complexidade, prosseguir interrogando o enigma.

### ***Não anestesiar a surpresa***

A surpresa surge pelo súbito aparecimento da greve, quando o país parecia encontrar-se em estado de encefalograma linear. A surpresa também reside no fato de uma greve de defesa de interesses corporativos ter conseguido grande popularidade durante mais de duas semanas. E, uma vez atendidas as reivindicações nos serviços públicos, o movimento contra o Plano Juppé<sup>1</sup> ter continuado.

Tanto à direita quanto à esquerda, procura-se a compreensão no arsenal de cada ideologia, em vez de tentar encontrá-la no próprio acontecimento.

O discurso oficial acusa a falta de tato, os erros de comunicação, a ausência de explicações. A mídia observa o abismo entre “a elite e o povo”, forma sutil de falar do abismo entre os que mandam e os que obedecem.

Mas há um outro abismo entre o pensamento político e a realidade. É que o pensamento tecnocratizou-se, limitando-se à gestão econômica, eliminando tudo o que não é quantificável, vendo apenas objetos a tratar, ignorando as angústias e os sofrimentos humanos. Além disso, a política fossilizada rotiniza-se no dia-a-dia, incapaz de enfrentar a complexidade dos grandes problemas contemporâneos.

---

\* Este artigo foi publicado no jornal parisiense *Libération*, em 19 de dezembro de 1995. Tradução de Carla Eyler Blunt.

\*\* Edgar Morin é diretor de pesquisa no Centre Nationale de Recherches Sociales (Centro Nacional de Pesquisas Sociais) - CNRS. Suas últimas obras publicadas foram *Mes démons* (Meus demônios). Paris: Stock, 1994, e *Une année Sisyphé* (Um ano Sísifo). Paris, Seuil, 1995.

<sup>1</sup> Plano geral de reforma do Estado francês, e da Previdência Social em particular, cujo nome deriva do primeiro-ministro francês Alain Juppé, seu principal mentor. (N. do T.)

O pensamento compartimentado produzido pelas universidades, pelas grandes escolas e, evidentemente, pela ENA<sup>2</sup>, não consegue situar os problemas no seu contexto. Chirac já ignorara o contexto internacional, quando decidiu Mururoa<sup>3</sup>. Juppé não considerou o contexto histórico, social, humano no qual lançava sua reforma. As decepções acumuladas pelo conjunto de medidas que vão minando pouco a pouco os recursos orçamentários, as angústias das demissões suscitadas pelas “racionalizações” ou pré-privatizações das empresas públicas, tudo isto não era perceptível por uma inteligência cega que, muito segura de si mesma, cometeu o erro estratégico de atacar simultaneamente todas as conquistas adquiridas. E depois, durante duas semanas, nada pôde fazer contra um movimento enraivecido pela intransigência e encorajado pelas concessões.

### *Não ocultar a complexidade*

A complexidade está, antes de tudo, no duplo caráter, acidental e profundo, do acontecimento. Este não teria ocorrido se não tivesse sido provocado por uma série de medidas míopes, culminando num detonador tanto mais eficaz quanto a reforma da previdência atingia o reduto instalado pela FO na Máquina<sup>4</sup>. A deflagração, porém, abriu uma brecha pela qual se projetou um formidável descontentamento.

A complexidade reside também no duplo sentido dos acontecimentos. O primeiro sentido é o de uma revolta localizada nos serviços públicos contra uma tripla ameaça: contra as vantagens corporativas, contra a segurança do presente (o espectro das privatizações ou racionalizações que significam demissões) e contra a segurança do futuro (as aposentadorias). O segundo sentido é o de um descontentamento popular generalizado que exprimiu-se pela aprovação da greve durante duas semanas inteiras, apesar das dificuldades físicas e pecuniárias. A greve foi sentida não como expressão de interesses corporativos, mas como expressão de uma exasperação geral, não tanto como revolta contra situações profissionais, mas como revolta contra a situação global.

De repente, este sentido superava o caráter corporativo, ainda que conservando-o, e o Plano Juppé - compreendido não como salvação, mas como agravamento dos encargos - tornou-se um dragão mitológico, ameaçando a cada um e a todos, o que garantiu a convergência entre grevistas e usuários.

Enfim, último aspecto da complexidade, o desencadeamento de um despertar por uma paralisia. Com efeito, o eletrochoque que subitamente imobilizou todos os transportes acordou um país sonambulizado na rotina do ir-e-vir de casa para o trabalho<sup>5</sup>. O metrô suspenso, o trabalho desrotinizado e o sono diminuído suscitaram,

---

<sup>2</sup> A ENA - i.e., *Ecole Nationale d'Administration* (Escola Nacional de Administração) - forma quadros para o Estado francês. (N. do T.)

<sup>3</sup> Morin refere-se a Jacques Chirac, presidente francês, que decidiu, ano passado, realizar no atol de Mururoa, no oceano Pacífico, uma série de testes nucleares, provocando protestos em todo o mundo. (N. do T.)

<sup>4</sup> A FO - i.e., *Force Ouvrière* (Força Operária) - é uma corrente sindical francesa que detém importantes posições na administração da previdência social francesa (a Máquina). (N. do T.)

<sup>5</sup> A expressão francesa para designar a rotina sem graça da vida mediocrizada é *metro-boulot-dodo*, ou seja, *metrô*, o meio de transporte mais comum, *boulot*, gíria para designar o trabalho, e *dodo*, outra gíria para designar o sono rotineiro. Ou seja, a repetição diária de atos mecanizados pela rotina. (N. do T.)

repentinamente, múltiplas improvisações, soluções engenhosas e solidariedades. O despertar generalizado e múltiplo da solidariedade, entre trabalhadores de um mesmo centro ou oficina, entre estes trabalhadores, suas famílias, seus amigos e vizinhos, e o nascimento de comunicações e ajudas mútuas entre vizinhos de bairro ou de trabalho mostram que a paralisia da greve provocou uma espécie de regeneração espontânea do tecido social e fez reencontrar a saúde psíquica mínima que comporta a abertura para o outro. De repente, podemos ver até que ponto, na situação dita normal, havia um desligamento generalizado, o isolamento dos indivíduos, a rarefação das comunicações afetivas fora das famílias (e mesmo aí...), dos amigos mais chegados, dos *bistros*<sup>6</sup>. Mas de repente, igualmente, podemos compreender que a crise fez surgir uma grande fonte de boa vontade que, no estado dito normal de nossa sociedade, encontra-se, segundo palavras de Vaclav Havel<sup>7</sup>, “atomizada, intimidada, armadilhada, paralisada e desamparada.”

A complexidade, enfim, está no paradoxo de uma revolta ampla e profunda, mas privada de futuro. Ela não propõe nem transformação nem renovação, mas somente salvaguardas: enquanto o governo de direita só fala em reforma e estigmatiza o conservadorismo dos que protestam, à esquerda não há nenhuma proposta de futuro, nem entre os sindicatos, nem entre seus aliados intelectuais e políticos. O Partido Socialista não fala de socialismo, o Partido Comunista não fala de comunismo, até mesmo os trotskistas falam apenas de “ensaio geral”, sem ousar a palavra revolução, enquanto a maioria repete que é preciso ser competitivo, o que, em vez de estimular a esperança, agrava a ansiedade. Não há esperança no futuro porque vivemos um momento em que a salvação pelo socialismo e a salvação pela economia liberal nada significam.

### ***O enigma***

Então, como podemos interpretar uma revolta tão profunda que não produz uma idéia de futuro?

Num primeiro nível de interpretação, o descontentamento pode ser explicado como o resultado de um acúmulo de expectativas frustradas, remontando às desilusões do socialismo mitterrandiano<sup>8</sup> até às das promessas chiraquianas de “reduzir a fratura social”<sup>9</sup>, agravadas por tantas medidas suplementares, que, para equilibrar o orçamento do Estado, aumentavam, de forma indiscriminada, impostos e contribuições.

Num nível mais subterrâneo, há, sem dúvida, a conjunção de três crises. A primeira é a crise do futuro. Desde meados dos anos 70, o mundo perdeu a fé no caráter necessário e inelutável do Progresso, ao mesmo tempo em que o Futuro tornava-se cada vez mais incerto e inquietante.

---

<sup>6</sup> Os *bistros* são pequenos restaurantes franceses, onde existe um clima íntimo, acolhedor, familiar. (N. do T.)

<sup>7</sup> Escritor e antigo dissidente do socialismo real, Vaclav Havel é o atual presidente da República Tcheca. (N. do T.)

<sup>8</sup> Termo derivado de François Mitterrand, político socialista, morto em janeiro de 1996, depois de exercer a presidência da França durante dois mandatos consecutivos de sete anos (1981-1995). (N. do T.)

<sup>9</sup> Este *slogan* de crítica às desigualdades sociais observadas na França foi o principal mote da campanha que levou Jacques Chirac à presidência do país em 1995. (N. do T.)

A segunda crise resulta da aceleração e da ampliação da transição para a mundialização tecno-econômica. Depois que experimentou as mais profundas transformações de sua história, suprimindo a indústria tradicional e a cultura rural multiseular, num cenário de prosperidade, o país vive hoje, num cenário de semi-recessão, desemprego e miséria moral, a não menos formidável transformação de uma adaptação ao mercado mundial em estado de caos.

A terceira é uma crise de civilização que se estende e se aprofunda surdamente pelo desenvolvimento de males produzidos pelo avesso da individualização, pelo avesso da tecnização, pelo avesso da monetarização, pelo avesso do crescimento. O individualismo revela cada vez mais seu avesso, que são o crescimento das solidões e a perda das solidariedades tradicionais. O avesso da monetarização é a necessidade de somas crescentes de dinheiro para apenas sobreviver, e a retração da parte do serviço gratuito, da doação, isto é, da amizade e da fraternidade. O avesso da tecnização é a invasão de setores cada vez mais amplos da vida quotidiana pela lógica da máquina artificial, que nela introduz sua organização mecânica, especializada, cronometrada, e substitui as comunicações pessoa-pessoa pela relação anônima. O avesso do crescimento econômico são as deteriorações na qualidade da vida, pelo sacrifício de tudo o que não obedece à lógica da competição. Assim, um mal estar instalou-se no avesso da civilização do bem-estar.

É a conjunção da perda do futuro, da mundialização acelerada e da crise de civilização que fez fermentar tantas angústias nos subsolos mentais e sociais.

Certamente, tudo isto poderia ter permanecido subterrâneo. A França desmoronou acidentalmente, mas de forma significativa. Desmoronou não apenas pela desaceleração do crescimento econômico, pelo desemprego, pela fratura social, mas também pela supercompetitividade observada na mundialização crescente da economia francesa. Desmoronou pela cegueira das elites enarco-tecnocráticas<sup>10</sup> e pela fossilização generalizada de uma política reduzida ao econômico.

### *O recuo para o passado e o caminho do futuro*

Chega-se, assim, à trágica constatação de ver um movimento que, nascido da ausência de futuro, encontra-se por isso mesmo privado de futuro.

Enquanto a maioria dos países reage à crise do futuro e à mundialização tecno-econômica com o retorno ao passado étnico-religioso, a França popular de hoje reage com um recuo, não nacionalista xenófobo-racista, mas centrado em formas tradicionais de protesto e numa identidade republicana que leva em seus genes idéias universais. Reage também mais obscuramente, para salvaguardar a arte de viver, uma certa convivialidade, uma civilização. O futuro, talvez, esteja vindo, mas toma o caminho do passado.

Como preservar a herança do passado e abrir um futuro? Seria preciso uma política que, embora certamente não colocasse a economia entre parênteses, se desligasse do economismo. Seria necessário repensar as reformas como as da previdência, que deve se adaptar às condições demográficas e às exigências

---

<sup>10</sup>Referência à ENA, que forma administradores tecnocratas (cf. nota 2). (N. do T.)

orçamentárias; seria preciso, mais amplamente, propor uma política de desaceleração e de regulação na formidável transição à mundialização tecno-econômica. Uma política desse tipo careceria, de um lado, de um acordo europeu para inscrever a desaceleração e a regulação numa vontade política comum, e, de outro lado, de um acordo mundial para criar um conselho de segurança econômica que se oporia às destruições culturais e humanas provocadas pela avalanche tecno-econômica. Em outras palavras, só se pode lutar contra uma mundialização mecânica e anonimizante com uma mundialização de cooperação e de compreensão mútuas. Enfim, seria preciso elaborar uma política capaz de responder aos gigantescos desafios de nosso tempo. Será que não que poderia vir da França, que vive tão intensamente a crise do fim de século, o que chamo de uma política de civilização? Tudo isto evidentemente não pode ser resolvido no imediato. Trata-se de abrir o caminho para uma política histórica de longo fôlego, que faria retornar a esperança.